

A repercussão do maio de 68 no pensamento de Michel Foucault

Erick Quintas Corrêa

Mestrando em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências e Letras da
Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara (UNESP/FCLAr), bolsista CNPq.

Resumo

A bifurcação da produção teórica de Michel Foucault (1926 – 1984) em dois polos, arqueológico (1961-69) e genealógico (1969-79), tem origem em uma ruptura metodológica ocorrida no interior de sua própria obra. Nesse sentido, a noção de descontinuidade assume uma centralidade inquestionável, tanto no objeto de sua reflexão epistemológica, quanto em sua própria escrita e pensamento, ambos marcados por uma relação extremada com rupturas temporais. Neste artigo, demonstraremos como o movimento revolucionário que eclodiu na França em maio de 1968 não só provocou um profundo impacto sobre a obra do autor de *Les mots et les choses*, como também refutou o seu método arqueológico.

Palavras-chave Continuidade, Descontinuidade, Revolução, Maio de 68.

Abstract

The fork of Michel Foucault's theoretical production (1926 – 1984) in two poles, archaeological (1961-69) and genealogical (1969-79), from a methodological rupture occurred inside his own work. In this sense, the notion of discontinuity takes an unquestioned centrality: the object of his epistemological reflection and in his own writing and thought both marked by an extreme relation with time ruptures. In this article, we will show how the Revolutionary Movement that broke out in France in May 1968 not only caused deep impact on the work of the author *Les mots e les choses*, but how also refuted his archaeological method.

Keywords Continuity, Discontinuity, Revolution, May 68.

Um livro é feito para servir a usos não definidos por aquele que o escreveu (...). Todos os meus livros, seja *História da loucura*, sejam outros, podem ser pequenas caixas de ferramentas. Se as pessoas querem mesmo abri-las, servirem-se de tal frase, tal ideia, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave-inglesa, para produzir um curto-circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas de que meus livros resultam, pois bem, tanto melhor!

(Michel Foucault. *Gerir as ilegalidades*, 1975)

Filósofo de formação acadêmica, Michel Foucault (1926 – 1984) ocupou diversas cátedras em universidades e institutos da França, Suécia e Polônia durante a década de 1950 e na Tunísia entre 1965 e 1968. Em 68, retorna à França para dirigir o departamento de filosofia da recém-criada Université Expérimentale de Vincennes, onde permanece até 1970, quando assume sua cátedra definitiva no Collège de France. Foucault faleceu em junho de 1984, em Paris, vítima de uma doença decorrente da soropositividade, aos 57 anos de idade.

Amigo de Althusser, Foucault filia-se ao PCF em 1947, permanecendo em seus quadros até 1953, ano da morte de Stalin e início do processo de “desestalinização” no interior do partido, ano também da realização do XXº Congresso do PC da URSS. Após a explosão revolucionária de Maio de 68, Foucault aproxima-se de um grupúsculo autoproclamado “maoísta espontaneísta não-leninista” chamado *Gauche Prolétarienne*⁴⁵⁷ (GP). Nos anos seguintes, passaria a compor importantes grupos de apoio à liberdade de expressão e de comunicação da população carcerária, como o *Groupe d’Information sur les Prisons*⁴⁵⁸ (GIP) e o *Comité d’Action des Prisonniers*⁴⁵⁹ (CAP). No ano de 1977, ao lado de Althusser e Derrida, Foucault intervém politicamente contra a chamada “Lei do pudor” e, em 1978, trabalha como correspondente especial dos jornais *Corriere della Sera* e *Nouvel Observateur* no Irã, ano em que os protestos contra o xá atingiram o seu ponto mais crítico e sobre os quais Foucault escreveria uma série de artigos⁴⁶⁰. Na busca de uma ação política “antitotalitária”, ele se aproxima, nos últimos anos de sua vida, da *Deuxième Gauche* francesa, uma corrente ideologicamente orientada pela perspectiva da “terceira via”, cujos representantes partidários e

457 Esquerda Proletária.

458 Grupo de Informações sobre as prisões.

459 Comitê de Ação dos Prisioneiros.

460 Cf. AFARY, Janet; ANDERSON, Kevin B. *Foucault e a revolução iraniana*. São Paulo: É Realizações Editora, 2011.

sindicais se reúnem no seio do *Parti Socialiste Unifié*⁴⁶¹ (PSU) e da *Confédération Française Démocratique du Travail*⁴⁶² (CFDT). Neste período (1978-79), suas reflexões teóricas apresentadas nos famosos cursos do *Collège de France* sobre a origem da biopolítica, voltam-se a uma leitura muito particular do neoliberalismo, centrada na análise das chamadas “técnicas de si” e de “governamentalidade”.

Nos anos que antecedem 1968, o marxismo francês foi marcado por uma vitalidade conferida pelo questionamento, portado por correntes heterodoxas, ao conformismo e à ortodoxia da vulgata patrocinada pelo partido comunista, bem como por uma redescoberta criativa dos textos do “jovem Marx” que sublinham a alienação e a subjetividade revolucionária (Lefebvre, Gorz, Sartre), enquanto as revistas *Arguments* e *Socialisme ou Barbarie* conduzem um trabalho de “revisão”. As teses conselhistas de Rosa Luxemburgo e de Anton Pannekoek reencontram então um solo fértil para uma retomada dos princípios autogestionários. Na intersecção da cultura e da política, “os itinerários dos membros da Internacional Situacionista e da *Socialismo ou Barbárie* se cruzam, da contestação cultural à reivindicação do conselhismo pelos primeiros, ao sentido contrário pelos segundos”⁴⁶³. Nas antípodas do pensamento heterodoxo, Louis Althusser conduz uma equipe de jovens pesquisadores encarregados de esterilizar o marxismo de qualquer traço de “ideologia”.

No campo da sociologia, especificamente nos anos que antecedem a explosão revolucionária de 1968, Paris contava com pelo menos quatro importantes revistas científicas: a *Sociologie du travail*, animada por Georges Friedmann e de cujo comitê de redação participariam, entre outros, os sociólogos Michel Croizier, Jean-Daniel Reynaud, Alain Touraine e Jean-René Tréanton; a *Revue française de sociologie*, cuja chefia de redação era assinada por Edgar Morin; a *Archives européennes de sociologie*, dirigida por Raymond Aron e de cujo comitê de redação se destacariam Croizier (França), Ralf Dahrendorf (Alemanha) e Thomas Bottomore (Grã-Bretanha); além da *Communications*, na qual participariam nomes como os de Roland Barthes e Morin. No decurso de 1968, G. Friedmann, Morin e Touraine se destacariam nas páginas do *Le monde* como os principais articulistas franceses da crise sociopolítica deflagrada naquele ano. Dentre as editoras que acolheram em seus catálogos e coleções as principais obras do pensamento sociológico francês daquele período, destacam-se a *Plon*, a *Éditions du Seuil* e a *Minuit*. Elas publicariam obras importantes como *Le phénomène bureaucratique* (Seuil, 1963. *O Fenômeno burocrático*), de Croizier e *Les*

461 Partido Socialista Unificado.

462 Confederação Francesa Democrática do Trabalho.

463 BRILLANT, Bernard. “Intellectuels: l'ère de la contestation” In: *Le débat*: Mai 68, quarante ans après, n° 149. Paris: Gallimard, 2008, p. 40, tradução nossa.

Héritiers, les étudiants et la culture (Minuit, 1964. *Os herdeiros, os estudantes e a cultura*), de Bourdieu e Passeron.

História, arqueologia e descontinuidade

A origem é o fim.

(Karl Kraus. *Palavras em versos*, I)

Em 1966, Michel Foucault publica *Les mots et les choses* (*As palavras e as coisas*), obra polêmica que, através das críticas a ela dirigidas pelo já consagrado Jean-Paul Sartre, terminou por projetar o jovem filósofo no cenário intelectual francês da época. Nela, Foucault propõe-se a sistematizar o que chama de uma *arqueologia das ciências humanas* (denominação que consta no subtítulo da obra), isto é, uma história dos saberes, particularmente dos saberes ocidentais, sobre os quais o autor estabelece uma periodização explicitamente etapista. O primeiro período corresponde ao Renascimento, o segundo, denominado Clássico, compreende os séculos XVII e XVIII, e o terceiro período, a Modernidade que, iniciada no século XIX com a figura de Immanuel Kant (1724 - 1804), prolonga-se até o século XX – mais precisamente até a publicação de *Les mots et les choses* e a suposta “morte do homem” ali anunciada, segundo a imodesta ilação foucaultiana. Ele pretende ordenar, em cada um dos períodos supracitados, as “condições de possibilidade” de construção dos saberes, suas estruturas, portanto. Tais condições de possibilidade são estabelecidas *a priori*, como regras que presidem a configuração deste ou daquele saber no “espaço virtual” (não empírico) onde se enraízam. Tais estruturas de pensamento, entendidas enquanto regras de construção pertencentes a determinadas ordens espaciais, Foucault chama de *epistemes*.

Sua “arqueologia das ciências humanas” está fundada na categoria analítica da *descontinuidade*, isto é, na inexistência de uma continuidade espaço-temporal entre as sucessivas “epistemes”. Sua análise do discurso científico ocidental não explica as condições sociais, políticas e históricas que permitiram as supostas “rupturas”, “reviravoltas” ou “mutações” ocorridas em seu interior. Na concepção de Foucault, a filosofia, a biologia e a economia política modernas “não surgiram de sua própria história por meio da autoanálise da própria razão; o que mudou na virada do século, sofrendo uma irreparável alteração, foi o

próprio saber como modo de ser preliminar e indiviso entre o sujeito que conhece e o objeto do espírito”⁴⁶⁴.

A transição da “episteme” vigente na “época clássica” (ou iluminista), entre os séculos XVII e XVIII, para a “episteme” moderna, a partir do século XIX, nada teria a ver, na perspectiva foucaultiana, com a queda do absolutismo e a emergência das chamadas “revoluções burguesas”, nem com a subsequente constituição do movimento operário. É somente a partir desta abstração absoluta da historicidade própria às filosofias da história e do sujeito do século XIX que se torna possível “reduzir o historicismo alemão e a tradição hegeliano-marxista ao mesmo ‘discurso da continuidade’”⁴⁶⁵ e afirmar, simplificadamente, que “o marxismo está no pensamento do século XIX como um peixe n’água; isso significa que, em qualquer outra parte, ele deixe de respirar”⁴⁶⁶.

É assim que, em *Les mots et les choses*, o homem (como figura do saber) surge, enigmaticamente, no alvorecer do século XIX, já que “antes do fim do século XVIII, o homem não existia”⁴⁶⁷. Na tentativa de garantir a unidade da “episteme clássica”, Foucault é levado a ignorar a figura de Giambattista Vico (1668 – 1744), cuja reflexão já estabelecia, ao menos desde a primeira metade do século XVIII – portanto, em uma época que, segundo a arqueologia foucaultiana, desconhecia completamente o historicismo e o humanismo, as bases filosóficas do humanismo segundo o qual, *grosso modo*, o homem – isto é, sua consciência e sua práxis – é produto de sua própria história. Como representante efetivo de um período de *transição* entre as trevas do absolutismo e as luzes do esclarecimento, assim como no interior do próprio historicismo, a filosofia da história de Vico parece contradizer a sistematização descontinuista, antidialética e a-histórica da arqueologia foucaultiana.

Sartre, que seis anos antes havia publicado *La critique de la Raison dialectique* (*Crítica da razão dialética*) – obra humanista que buscava justamente fundar uma racionalidade baseada na práxis humana concreta –, criticara Foucault na polêmica que envolveu os dois filósofos imediatamente após a publicação de *Les mots et les choses*, justamente por substituir, em seu método arqueológico, “o movimento por uma sucessão de imobilidades” e por ignorar as condições reais do processo histórico, mostrando-se indiferente à questão de saber “como cada pensamento é construído a partir dessas condições (...) como os homens passam de um pensamento a outro”⁴⁶⁸.

464 FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses. Une archéologie des sciences humaines*. Paris: Gallimard, 1966, p. 274.

465 HONNETH, Axel. *Crítica del poder*. Madrid: A. Machado Libros, 2009, p. 185.

466 FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses*. Op. Cit., p. 274.

467 FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses*. Op. cit., p. 284.

468 SARTRE, Jean-Paul. “Entrevista a L’Arc”. In: *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. Lisboa:

As categorias manejadas por Foucault parecem operar uma *especialização da temporalidade histórica*: “Analisando o espaço em que falo, exponho-me a desfazer e a recompor este lugar que me indica os primeiros marcos do meu discurso”⁴⁶⁹. Sua terminologia baseia-se em categorias espaciais como “solos arqueológicos”, “regiões do saber” e “campo epistemológico”, sobre os quais a história da ciência ocidental deslocar-se-ia numa sucessão fragmentada de “epistemes” dotadas de temporalidades próprias, desconexas entre si, onde predomina a categoria da “descontinuidade” absoluta. Ao proceder deste modo, Foucault constrói um método no qual “o respeito às antigas continuidades torna-se dissociação sistemática”⁴⁷⁰.

O método arqueológico de Foucault deve profundamente à epistemologia estruturalista de Althusser⁴⁷¹ e ao seu combate, no interior do marxismo, à corrente dialética revolucionária representada por Lenin, Trotsky, Rosa Luxemburgo, Lukács, Korsch e Gramsci, autores que conceberam, em chave hegel-marxiana, a história global como síntese dialética entre continuidade e descontinuidade históricas. Outra determinação não negligenciável da arqueologia “descontinuista” de Foucault, além das já mencionadas epistemológica e filosófica, é de ordem literária, sobretudo na forma experimental do *Nouveau roman* e dos autores que gravitavam em torno da revista *Tel Quel*. Segundo Judith Revel (2004), estudiosa da obra foucaultiana:

A fascinação por uma literatura que faz da dissolução das bases tradicionais da narração, da introdução do aleatório na estrutura da narrativa ou do desaparecimento do sujeito (que se trate do autor, do narrador ou de qualquer ideia de “personagem”) o terreno de sua própria experimentação linguística é, com efeito, o motivo recorrente de numerosos textos foucaultianos da primeira metade dos anos 1960⁴⁷².

Portugália editora, 1968, p. 126.

469 FOUCAULT, Michel. “Sobre a arqueologia das ciências (resposta ao Círculo Epistemológico)”. In: LIMA, L. C. (Org.) *Estruturalismo e teoria da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 27.

470 FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: *Microfísica do poder*. São Paulo: Paz e Terra, 2005, p. 37.

471 “O que une Foucault e Althusser não é a política, é a epistemologia”. ERIBON, Didier. *Michel Foucault et ses contemporains*. Paris: Fayard, 1994, p. 336.

472 Cf. REVEL, Judith. “Michel Foucault: discontinuité de la pensée ou pensée du discontinu?” *Le Portique*, 13-14, 2004. Disponível em: <<http://leportique.revues.org/635>>. Acesso em: 25/09/2015 (tradução nossa). No original: “La fascination pour une littérature qui fait de la dissolution des ancrages traditionnels de la narration, de l’introduction de l’aléatoire dans la structure du récit ou de la disparition du sujet (qu’il s’agisse de l’auteur, du narrateur, ou de toute idée de « personnage ») le terrain de sa propre expérimentation linguistique est en effet le motif récurrent de nombreux textes foucaultiens de la première moitié des années 1960”.

Em 1978, no prefácio que redige para a edição estadunidense de *Le normal et le pathologique* (*O normal e o patológico*), do historiador das ciências Georges Canguilhem, o autor de *Les mots et les choses* retoma este ponto de um prisma metodológico:

Velho tema esse, tão cedo esboçado, ao ponto de ser contemporâneo, ou quase, do nascimento de uma história das ciências (...) Retomando este mesmo tema elaborado por Koyré e Bachelard, Georges Canguilhem insiste sobre o fato de que a demarcação das discontinuidades não é para ele nem um postulado, nem um resultado: mas, antes, é um “modo de fazer”, um procedimento que adere à história das ciências porque é chamada pelo próprio objeto que ela deve tratar ⁴⁷³.

Como se sabe, a epistemologia de Bachelard, à qual Foucault faz questão de explicitar sua filiação, considera, *grosso modo*, que as aquisições científicas do passado não constituem o germe das aquisições futuras. Pelo contrário, nessa matéria a novidade parte de uma luta e de uma “ruptura” com relação às aquisições passadas. As descobertas ou inovações sempre ensinam a formação de um novo “modo de fazer” científico. Tanto Bachelard como Foucault rompem criticamente, deste modo, com os postulados filosóficos presentes na historiografia evolucionista das ciências. Pensemos em Auguste Comte (1798 - 1857), fundador do positivismo, para quem o conhecimento teria “evoluído” de um estado teológico até um estado científico, ou “positivo”, isto é, de um estágio mais “primitivo” a um mais “acabado”, seguindo um mesmo percurso linear, contínuo e progressivo.

Em resposta aos questionamentos levantados por leitores da revista *Esprit* acerca de sua concepção de “descontinuidade”, publicada em pleno mês de maio de 1968, Foucault assim resume o seu ponto de vista (que é, como vimos, o mesmo de Bachelard) sobre a questão:

Ao invés de referir-se a uma história econômica, social, política, abarcando uma história do pensamento (que dela seria expressão, como um *doublet*), ao invés de referir-se a uma história das ideias que seria referida (seja por um jogo de signos e de expressões, seja por relações de causalidade) a condições extrínsecas, nos referimos a uma história das práticas discursivas nas relações específicas que as articulam sobre as outras práticas⁴⁷⁴.

473 No original: “Vieux thème qui s’est dessiné très tôt, au point d’être contemporain, ou presque, de la naissance d’une histoire des sciences. [...] Reprenant ce même thème élaboré par Koyré et Bachelard, Georges Canguilhem insiste sur le fait que le repérage des discontinuités n’est pour lui ni un postulat ni un résultat : mais plutôt une ‘manière de faire’, une procédure qui fait corps avec l’histoire des sciences parce qu’elle est appelée par l’objet même dont celle-ci doit traiter”. FOUCAULT, apud REVEL, Judith. “Michel Foucault: discontinuité de la pensée ou pensée du discontinu?”. In: *Le Portique*, 13-14, 2004.

474 “Réponse à une question”. *Esprit*, n° 371, maio de 1968. Disponível em: <<http://libertaire.free.fr/MFoucault403.html>>. Acesso em: 28/09/2015.

Tal epistemologia tende a autonomizar a ordenação dos saberes científicos. Sendo *imane*nte aos saberes e não se referindo a nada a não ser a eles próprios, sua análise das “epistemes” volta-se à sua configuração interna, só podendo ser apreendida “em seus próprios termos”. As “epistemes” não são, nesse sentido, algo como um “espírito do tempo”, não constituem totalidades heterogêneas referidas a elementos “extrínsecos” a elas, como a práxis sociopolítica de uma época. Não se enraízam em uma experiência histórica mais ampla, mas concernem única e exclusivamente à ordem independentizada dos saberes.

Em *Les Mots et les choses*, o que Foucault chama de “as três empiricidades” – a vida, o trabalho e a linguagem – não passam de “domínios do saber” e não da experiência. Foucault não se interessa pelo que elas são *fora* do domínio dos saberes. O saber não se refere aqui a um sujeito, seja ele empírico ou transcendental, pois trata-se justamente de “liberar o campo discursivo da estrutura histórico-transcendental que a filosofia do século XIX lhe impôs”⁴⁷⁵.

Em *L'Archéologie du savoir* (*Arqueologia do saber*), publicado em 1969, Foucault busca clarificar o método empregado em *Les mots et les choses* ao isolar o objeto próprio às análises arqueológicas, isto é, os discursos apreendidos em sua nua positividade:

Na análise aqui proposta, as regras de formação [dos discursos, dos saberes], residem não na ‘mentalidade’ ou na consciência dos indivíduos, mas no próprio discurso; elas se impõem, conseqüentemente, segundo uma espécie de anonimato uniforme a todos os indivíduos que empreendem sua fala no campo discursivo⁴⁷⁶.

No estudo das condições *anônimas* de possibilidade do saber, Foucault opera uma dissolução do primado histórico do sujeito. Imediatamente após a explosiva primavera de Maio de 68⁴⁷⁷ em Paris, no verão daquele ano, portanto, ele publica uma resposta ao Círculo de Epistemologia da Escola Normal Superior, no número 9 dos *Cahiers pour l'Analyse*, na qual procura defender-se dos ataques de seus críticos: “O que se lastima tão gravemente não é a supressão da história, é o desaparecimento dessa forma de história que era secretamente –

475 No original: “(...) libérer le champ discursif de la structure historico-transcendantale que la philosophie du XIXe siècle lui a imposée”. FOUCAULT, Michel. “Réponse à une question”. In: *Esprit*, n°371, maio de 1968. Disponível em: <<http://ilibertaire.free.fr/MFoucault403.html>>. Acesso em: 28/09/2015.

476 No original: “Dans l’analyse qu’on propose ici, les règles de formation ont leur lieu non pas dans la ‘mentalité’ ou la conscience des individus, mais dans le discours lui-même; elles s’imposent par conséquent, selon une sorte d’anonymat uniforme, à tous les individus qui entreprennent de parler dans ce champ discursif”. FOUCAULT, Michel. *L’archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969, p. 83, tradução nossa.

477 “A resposta de Michel Foucault ao Círculo de Epistemologia assume extraordinária importância na medida em que revela mudanças de atitude do autor em relação a uma série de afirmações anteriores, mudanças essas que explicará melhor em *L’archéologie du savoir*” (NEVES, L. F. B.; MENDONÇA, A. S. “Apresentação”. In: *Estruturalismo e teoria da linguagem*, 1971, p.5, grifos nossos). Na sequência destas considerações introdutórias, discutiremos tais “mudanças de atitude” de Foucault.

mas inteiramente – referida à atividade sincrética do sujeito”⁴⁷⁸. Em decorrência desta apreensão positivista dos fenômenos históricos e sociais, Foucault continuaria incorrendo em graves erros de análise histórica, conforme assinala o filósofo italiano Domenico Losurdo ao comentar um curso tardio de Foucault, chamado *Il faut défendre la société* (*Em defesa da sociedade*, 1976):

O colonialismo e a ideologia colonial estão amplamente ausentes na história do mundo contemporâneo reconstruída pelo filósofo francês. A julgar por essa história, “o surgimento do racismo de Estado [deve ser localizado] no início do século XX”, enquanto é o advento do Terceiro Reich que marca o “aparecimento de um Estado absolutamente racista”. Essa periodização foi posta em dúvida com muita antecedência pelos abolicionistas que, no século XIX, queimavam em praça pública a Constituição americana, tachada de ser um pacto com o diabo por consagrar a escravidão racial; ou aqueles abolicionistas que recriminavam a lei sobre os escravos fugitivos de 1850 por ela obrigar todo cidadão estadunidense “a se tornar um caçador de homens”: era passível de punição não só quem tentasse esconder ou ajudar o negro perseguido pelos seus legítimos proprietários, mas também quem não colaborasse para a sua captura⁴⁷⁹.

Além do sujeito, outro alvo central da concepção de história de Foucault é a noção dialética da *totalidade*, capaz de apreender a história global como processo de *totalização*, isto é, como síntese de uma dinâmica dialética entre continuidade e descontinuidade históricas. Em um ensaio sobre *Nietzsche, a genealogia e a história*, Foucault apresenta os objetivos do programa genealógico iniciado pelo filósofo alemão:

Tudo em que o homem se apoia para voltar em direção à história e apreendê-la em sua totalidade, tudo o que permite retraçá-la como um paciente movimento contínuo: trata-se de destruir sistematicamente tudo isto (...) A história será ‘efetiva’ na medida em que ela reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser ⁴⁸⁰.

Conforme os apontamentos críticos feitos por Axel Honneth em *Crítica do poder* (1985), as sucessivas análises foucaultianas do discurso e do poder objetivam substituir qualquer filosofia do sujeito por uma “concepção de realidade completamente destituída da

478 FOUCAULT, Michel. “Sobre a arqueologia das ciências (resposta ao Círculo Epistemológico)”. In: LIMA, L. C. (Org.). *Estruturalismo e teoria da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 16.

479 LOSURDO, Domenico. “Como nasceu e como morreu o ‘marxismo ocidental’”. In: *Estudos de sociologia*. Araraquara: v. 16, n. 30, 2011, p. 213.

480 FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: *Microfísica do poder*. São Paulo: Paz e Terra, 2005, p. 27.

noção de sentido” e “livre de intencionalidade”⁴⁸¹. Sentido histórico e intencionalidade subjetiva que são inseparáveis de todo humanismo e historicismo contra os quais se voltavam a sua filosofia anti-humanista.

Em um curso de 5 de janeiro de 1983, Foucault resumirá, de modo retrospectivo, a sua estratégia ao longo dos anos setenta: “substituir a teoria do sujeito ou a história da subjetividade pela análise histórica da pragmática de si e das formas que ela adquiriu” (2010, p. 6). Em uma intervenção de 2009, o filósofo italiano Giorgio Agamben também assinalaria a centralidade deste aspecto do itinerário intelectual foucaultiano:

Foucault resume sua estratégia em dois pontos. Primeiro ponto: substituir a história da dominação pela análise dos procedimentos e técnicas de governo. Segundo ponto: substituir a teoria do sujeito e a história da subjetividade pela análise histórica dos processos de subjetivação e das práticas preventivas⁴⁸².

Estratégia teórica esta que é absolutamente estranha à longa tradição revolucionária das lutas sociais nas quais tanto o iluminismo do século XVIII como o comunismo do século XIX se inscrevem, tradição cuja forma e conteúdo, sua teoria e sua práxis, são inseparáveis das filosofias e teorias do sujeito e das ações subjetivas dotadas de sentido e intencionalidade que simultaneamente as sustentaram e condicionaram histórica e objetivamente. Contemporâneo de Foucault, o situacionista francês Guy Debord (1931 - 1994) repôs esta tradição nas novas condições históricas e sociais do segundo pós-guerra: “O *sujeito* da história só pode ser o ser vivo produzindo a si mesmo, tornando-se mestre e possuidor de seu mundo que é a história, e existindo como *consciência de seu jogo*”⁴⁸³.

O abandono por Foucault do legado humanista e das tradições do século XIX revela uma função social muito precisa que, segundo Lukács, dominaria o pensamento moderno e que nos parece se adequar perfeitamente ao seu pensamento:

Em todos os casos, esse “pensamento moderno” deixa livre de qualquer responsabilidade e elimina simplesmente todos os problemas que realmente importam: os problemas da contraditória conexão entre a personalidade, a sociedade e a humanidade (...). Compreende-se que, a partir de tais posições, deva-se recusar o século XIX, o século de Goethe e de Heine, de Hegel e de Marx, de Gottfried Keller e de Thomas Mann; o século cuja filosofia e cuja arte queriam ver em conexão unitária o indivíduo, a sociedade e a história, o destino da humanidade, e cujas formas poéticas e métodos filosóficos buscavam esclarecer e conceituar essa conexão (...). Também é muito fácil de compreender o fato de que todos os beneficiários da restauração e da manipulação – tanto os conscientes quanto os

481 HONNETH, Axel. *Crítica del poder*. Op. cit., p. 226.

482 AGAMBEN, Giorgio. “Tiqun, o retorno” [2009]. In: *Sopro*, No 39, nov. 2010.

483 DEBORD, Guy. *Commentaires sur la société du spectacle*. Paris: Gallimard, 1992, p. 50.

inconscientes, tanto os resignadamente desesperados quanto os desesperadamente resignados – rechacem o século XIX e queiram substituí-lo por algo “radicalmente novo”⁴⁸⁴.

Nas antípodas da perspectiva descontinuísta e não dialética (até mesmo antidialética) das filosofias de Alexandre Koyré (1892 - 1964), Gaston Bachelard (1884 - 1962), Georges Canguillhem (1904 - 1995) e do próprio Foucault, dois filósofos alemães contemporâneos vinculados à chamada “teoria crítica”, Walter Benjamin (1892 - 1940) e Herbert Marcuse (1898 - 1979), conceberiam a luta revolucionária de classes em conformidade com a filosofia hegeliano-marxista da história, como o elemento capaz de preencher, de modo dinâmico e dialético, o vazio deixado pelas rígidas e incomunicáveis rupturas evocadas nas “leis de bronze” dos filósofos franceses.

Segundo Marcuse, “no *continuum* histórico as revoluções estabelecem seu próprio código moral e ético, tornando-se, assim, a origem e a fonte de novas formas e valores universais”⁴⁸⁵, assim como, para Benjamin, “a antiga Roma era, para Robespierre, um passado carregado de tempo-de-agora, passado que ele fazia explodir do contínuo da história”⁴⁸⁶. Nas duas passagens supracitadas, a “tradição dos oprimidos” (para falarmos com Benjamin) é composta por momentos excepcionais, “explosivos”, portanto, fundados por e fundantes de descontinuidades históricas. Porém, do ponto de vista dialético destes autores, tais descontinuidades não são, de modo algum, destituídas de sua própria continuidade, conforme a noção de tradição evocada por Benjamin indica. Na sublevação disruptiva *no tempo presente*, a revolução daria um “salto dialético” sobre o “livre céu da história”, como “um salto de tigre em direção ao passado”. Outra noção benjaminiana que por fim gostaríamos de mobilizar contra esta fetichização intelectual da “ruptura epistemológica”, forçosamente transferida para o terreno da história, é a de “origem”, usada em seu estudo sobre a *Origem do Drama Barroco Alemão* (1928):

O termo *origem* não designa o vir-a-ser daquilo que se origina, e sim algo que emerge do vir-a-ser e da extinção. A origem se localiza no fluxo do vir-a-ser como um torvelinho, e arrasta em sua corrente o material produzido pela gênese. O originário não se encontra nunca no mundo dos fatos brutos e manifestos, e seu ritmo só se revela a uma visão dupla, que o reconhece, por um lado, como restauração e reprodução, e por outro lado, e por isso mesmo, como incompleto e inacabado. Em cada fenômeno de origem se determina a forma com a qual uma idéia se confronta com o mundo

484 LUKÁCS, György. *Goethe y su época*. Barcelona-México: Grijalbo, 1968, p. 16-17.

485 MARCUSE, Herbert. “Ética e revolução”. In: *Cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 145.

486 BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: *Obras Escolhidas*, Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 229.

histórico, até que ela atinja sua plenitude na totalidade de sua história. A origem, portanto, não se destaca dos fatos, mas se relaciona com sua pré e pós-história ⁴⁸⁷.

Finalizemos esta reflexão introdutória com uma problematização que nos conduzirá ao ponto seguinte, acerca do impacto que o ano explosivo de 1968 causou na reflexão teórica e na prática política de Foucault. Afinal, não seria o momento disruptivo da práxis revolucionária justamente o elemento dinâmico, o “fenômeno originário” no sentido benjaminiano, capaz de desobstruir a rígida dicotomia entre continuidade e descontinuidade, sobre a qual sua arqueologia dos saberes é edificada? Não seria exatamente este o motivo pelo qual o horizonte da revolução social estaria ausente de suas reflexões epistemológicas?

O impacto da Revolução de 1968 na teoria de Foucault

As estruturas não descem às ruas!

(Pixo em um painel da Sorbonne, Maio de 1968)

Partimos de um constato epistemológico claro: de que a bifurcação da produção teórica de Foucault em dois polos, *arqueológico* (1961-69) e *genealógico* (1969-79), tem origem em uma decisiva mudança na orientação de suas pesquisas, em uma espécie de ruptura metodológica ocorrida no interior de sua própria obra. Este fato, amplamente reconhecido por alguns dos principais intérpretes e interlocutores contemporâneos de Foucault, evidencia que a noção de *descontinuidade* assume uma centralidade inquestionável, tanto no objeto de sua reflexão epistemológica, quanto em sua própria escrita e pensamento, ambos marcados por uma relação extremada com rupturas temporais.

Segundo a conhecida interpretação de Axel Honneth, “no lugar de investigar as formas culturalmente determinantes de conhecimento da história da modernidade, agora são as estratégias institucionais e cognitivas de integração social que devem ser objeto de análise”, representando, deste modo, “o abandono definitivo dos marcos de uma análise do conhecimento orientada em termos semiológicos”⁴⁸⁸.

Se o esquema interpretativo de Honneth está correto, é pertinente e legítimo que nos interroguemos a respeito das razões que levaram Foucault a semelhante abandono de sua anterior perspectiva semiológica. Pergunta que Honneth também formula e logo soluciona:

⁴⁸⁷ BENJAMIN, Walter. *Origem do Drama Barroco Alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 67-68.

⁴⁸⁸ HONNETH, Axel. *Crítica del poder*. Op. cit., p. 234-235.

“foram os acontecimentos do movimento estudantil francês que, mesmo ‘de fora’, em certo sentido lhe conduziram a seguir esta direção”⁴⁸⁹. Hipótese que também seria partilhada por Didier Eribon, um dos principais biógrafos e estudiosos de sua obra, para quem “um corte foi estabelecido no pensamento de Foucault após 1968 (...) seu trabalho mudou, politizou-se”⁴⁹⁰.

Somando as duas interpretações, conclui-se que diante da explosão revolucionária no mês de maio daquele ano⁴⁹¹, Foucault haveria “abandonado os marcos de uma análise do conhecimento orientada em termos semiológicos” em prol de uma análise das “estratégias institucionais e cognitivas de integração social”, “politizando-se”.

Essa perspectiva contraria aquela apresentada pelos ideólogos franceses Luc Ferry⁴⁹² e Alain Renaut em *La pensée 68 (Pensamento 68)*⁴⁹³, um panfleto ideológico no qual se insinua uma suposta influência teórica de Foucault (mas também de Lacan, Derrida e Bourdieu) sobre o malcaracterizado “ano de 1968”, ali descrito como um estranho movimento sem sujeito. Por conseguinte, tal relação é concebida pelos autores de um modo bastante idealista. Tudo se passa como se houvesse uma enigmática simbiose entre o pensamento anti-humanista de Foucault e o suposto conteúdo “individualista” dos movimentos sociais sublevados em Maio de 68.

Porém, a hipótese comum de Honneth e Eribon aponta uma relação de outro tipo: que a explosão de maio exerceu uma influência decisiva no destino das pesquisas de Foucault, tanto do ponto de vista temático (passando das análises do saber àquelas do poder) quanto do ponto de vista metodológico (a já aludida passagem da arqueologia à genealogia). A bem da verdade, é preciso dizer que o pensamento de Foucault, Lacan *et cetera* foi sobretudo *alvo* do movimento de maio, no sentido oposto do que o revisionismo idealista e reacionário de Ferry

489 HONNETH, Axel. *Crítica del poder*. Op. Cit., p. 233.

490 ERIBON, Didier. *Michel Foucault et ses contemporains*. Op. cit., p. 86.

491 Biograficamente, Foucault “esteve ausente dos eventos de maio [de 1968, em Paris]”, pois na época residia e trabalhava na Tunísia. É o que afirma a sessão “Chronologie, 1968” do *Portail Michel Foucault*, disponível em: <<http://michel-foucault-archives.org/?1968>>. Acesso em: 28/10/2015. Entretanto, não é a ausência ou presença física do autor no epicentro francês do movimento revolucionário de 68 que nos interessa aqui. Nosso foco de análise é estritamente teórico, sobretudo por tratar de um autor vinculado a uma tradição de pensamento plenamente alheia a qualquer prática exterior ao próprio campo da reflexão filosófica, situada precisamente nas antípodas da proposição do jovem Marx acerca da “realização da filosofia”, contida nas célebres *Teses sobre Feuerbach*, de 1845.

492 Desde que Luc Ferry assumiu o cargo de ministro da Educação Nacional (2002-2004) da França, suas críticas às consequências “nocivas” de 1968 para a escola republicana se posicionam desde um ponto de vista abertamente de direita. Cf. VERGEZ-CHAIGNON, Bénédicte. “Le tombeau d’une génération: quarante ans de critique de mai 68”. In: *Le débat*, n° 149, 2008, pp. 52-65.

493 FERRY, Luc; RENAUT, Alain. *La pensée 68: essai sur l’anti-humanisme contemporain*. Paris: Gallimard, 1985. (Pensamento 68: ensaio sobre o anti-humanismo contemporâneo).

e Renaut quer fazer passar como verdade em sua tentativa de falsear a história do movimento revolucionário mais importante que Paris conheceu desde o episódio da Comuna.

Segundo Daniel Cohn-Bendit, uma das mais proeminentes figuras do *Mouvement 22 mars* (o movimento eleito pela mídia como o representante do movimento real), no meio estudantil do qual fazia parte, “quase todos os militantes do Movimento 22 de Março leram Sartre”⁴⁹⁴. Sartre, como se sabe, considerava *Les mots et les choses* um livro profundamente reacionário, que negava a política e o decurso histórico⁴⁹⁵, tanto quanto o seu autor, visto como um intelectual antimarxista a serviço da burguesia.

Um pouco de lógica histórica nos leva a concluir, portanto, que a explosão de maio pegou Foucault “de calças curtas” e que o movimento exerceu sobre o seu pensamento, como vimos, um profundo impacto, ao ponto de causar nele uma “cesura”, um “corte”, uma “ruptura”, uma “descontinuidade” no rumo de suas próprias pesquisas, para falarmos em seus próprios termos. Algo muito distinto, portanto, do que insinuam os autores de *La pensée 68*: que o pensamento de Foucault teria algum tipo de influência sobre o movimento de maio. O que se passou, na realidade, foi bem o contrário!

Quem o constata não são seus intérpretes, mas o próprio Foucault, em uma entrevista concedida a Alexandre Fontana, em 1977:

Aquilo que eu havia tentado fazer neste domínio [a política psiquiátrica, a psiquiatria como política] foi recebido com um grande silêncio por parte da esquerda intelectual francesa. E foi somente por volta de 68, apesar da tradição marxista e apesar do P.C., que todas estas questões adquiriram uma significação política com uma acuidade que eu não suspeitava e que mostrava quanto meus livros anteriores eram ainda tímidos e acanhados. Sem a abertura política realizada naqueles anos, sem dúvida eu não teria tido coragem para retomar o fio destes problemas e continuar minhas pesquisas no domínio da penalidade, das prisões e das disciplinas⁴⁹⁶.

Para além do fato de ter exercido grande influência sobre o pensamento de Foucault, o movimento revolucionário de Maio de 68 também *refutaria* o método arqueológico empregado em *Les mots et les choses*. Afinal, como um acontecimento histórico ligado à luta de classes e à práxis revolucionária pôde ser acolhido teoricamente pelo mesmo autor que, *antes de 68*, e de acordo com as suas exposições teóricas da década de 1960, teria considerado uma irrupção dessa natureza (histórica e social) um fenômeno exterior e independente do

494 Idem, p. 13.

495 Cf. SARTRE, Jean-Paul. “Entrevista a L’Arc”. In: *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. Lisboa: Portugalia editora, 1968, p. 126.

496 FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Op. cit., p. 3.

campo científico, assim como, igualmente, teria considerado uma teoria que o acolhesse como “doxológica” – isto é, “não científica” –, situando-a no campo da ideologia?

É possível formular ainda outra questão, diretamente conectada à primeira, relacionada ao papel do sujeito e do sentido histórico. Não estaria condenado à lata de lixo da história das ideias um sistema de pensamento que exclui de seu domínio qualquer referência à práxis de um sujeito consciente e dotado de intencionalidade, justamente no momento em que algo como um sujeito desta natureza reaparecia com muita força no horizonte histórico?

Vale lembrar, de passagem, que Maio de 68 não teria refutado somente o enigmático diagnóstico de Blanchot sobre o suposto “desaparecimento do sujeito” (espécie de gênese das obscuras “estruturas sem sujeito” das filosofias de Canguilhem, Althusser e Foucault), como também constrangeria parte significativa da intelectualidade crítica da época, na França e fora dela. Na mesma época, Theodor Adorno (1903 – 1969) afirmava, em sua *Negative Dialektik* (*Dialética Negativa*, 1966), que a “práxis transformadora” encontrava-se “adiada por um tempo indeterminado”⁴⁹⁷, enquanto Henri Lefebvre (1901 - 1991), autor marxista lembrado na entrevista de Cohn-Bendit supracitada como uma das referências intelectuais do movimento *22 de Março*, criticaria os situacionistas⁴⁹⁸ por apostarem no retorno de uma conjuntura revolucionária como a de 1871 em plena *société du spectacle*. Na obra *Positions contre les technocrates* (*Posições contra os tecnocratas*), publicada também no ano de 1967, Lefebvre conclui categoricamente que:

Os situacionistas (...) não propõem uma utopia concreta, mas uma utopia abstrata. Acreditam eles que em uma bela manhã ou numa tarde decisiva, as pessoas vão se olhar e dizer umas às outras: “Basta! Chega de trabalho e de tédio! Acabemos logo com isso!”. Se isso veio à tona em 18 de março de 1871, esta conjuntura não se reproduzirá mais⁴⁹⁹.

Sua conclusão, que pretendia transmitir ares de cientificidade, não passaria, entretanto, pela verificação histórica, sendo implacavelmente refutada um ano depois na e pela revolução de 1968. Enquanto para o autor d’*A sociedade do espetáculo*, “a fusão do

497 ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009, p. 11.

498 Relativo à teoria e à prática da Internacional Situacionista (1957 – 1972), organização revolucionária que, em Maio de 68, assumiria as posições mais radicais do movimento junto ao “Conseil pour le Maitien des Occupations” (CMDO) e que, entre 1958 e 1969, publicou na França 12 números da revista de crítica social “Internationale Situationniste”.

499 Apud “Le commencement d’une époque”. In: *Internationale Situationniste*, n° 12, 1969, p. 6. Tradução nossa.

conhecimento e da ação precisa realizar-se na própria luta histórica, de tal modo que cada um desses termos coloque no outro a garantia de sua verdade”⁵⁰⁰.

Em 1966, no mesmo ano, portanto, da publicação de *Les mots et les choses*, Debord apresentaria, às margens da *intelligentsia* europeia de sua época, um *diagnóstico* preciso do estado de saúde das sociedades tardocapitalistas em sua totalidade (tanto em sua expressão ocidental, privada, quanto em sua expressão oriental, burocrática), além de um *prognóstico* revolucionário não menos preciso, que os acontecimentos históricos viriam a confirmar nos anos seguintes: “este sistema entrou agora em uma nova crise: de Berkeley à Varsóvia, das Astúrias a Kivu, ele é por todo lado refutado e combatido”.⁵⁰¹ Também em 1966, outro intelectual vinculado à tradição do pensamento hegeliano-marxista, o filósofo alemão Herbert Marcuse, demonstrava-se atento às movimentações subterrâneas da contestação social da época, quando afirmava, no seu excelente “Prefácio político” a *Eros e civilização*, que “o conflito pode tornar-se explosivo se for acompanhado e agravado por perspectivas de mudança na própria base da sociedade industrial avançada”⁵⁰².

Dois anos depois, tal explosão ocorreria justamente na França, uma sociedade de capitalismo superdesenvolvido que, nas palavras retrospectivas de Debord, até Maio de 68 seguia “de sucesso em sucesso, e [que] estava persuadida de ser amada, [mas que] teve a partir daí de desistir de todos esses sonhos”; pois agora (em 1988), “ela prefere ser temida”⁵⁰³.

Debord e Marcuse constituíram, nesse sentido, uma exceção à regra assinalada pelo historiador Pierre Grémion em um artigo consagrado à questão das relações entre a intelectualidade europeia, sobretudo francesa, e o Maio de 68: “nenhum deles antecipou os eventos, para todos foi uma surpresa”⁵⁰⁴. A existência de ambos indica com muita clareza que o vínculo entre o conhecimento e a ação revolucionários na primavera de 1968, ao contrário do que supõem Ferry e Renaut, *est d’ailleurs!*

500 DEBORD, Guy. *Commentaires sur la société du spectacle*. Op. cit., p. 59.

501 Extraímos este trecho de um pequeno texto de apresentação do movimento situacionista redigido por Debord em 1965 para ser publicado na Inglaterra juntamente com a tradução inglesa de “Le déclin et la chute de la économie spectaculaire-marchand” (Declínio e queda da economia espetacular-mercantil). Ambos os textos foram publicados em língua francesa pela primeira vez no número 10 da revista *Internationale Situationniste*, em 1966.

502 MARCUSE, Herbert. “Prefácio político” [1966]. In: *Eros e civilização: uma crítica filosófica ao pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, p. 22.

503 DEBORD, Guy. *Commentaires sur la société du spectacle*. Op. cit., p. 110.

504 GRÉMION, Pierre. “Les sociologues et mai 68”. In: *Le débat*: Mai 68, quarante ans après, n° 149. Paris: Gallimard, 2008, p. 24, tradução nossa.